

A analogia em Vitruvius, Sêneca e Quintiliano

(Analogy in Vitruvius, Seneca and Quintilian)

Antonio Carlos Silva de Carvalho

Universidade Cruzeiro do Sul

carloscarval@yahoo.com

Abstract: This paper aims to briefly introduce how three authors, who lived during the second phase of the Roman Period, used the term analogy in their respective areas. Marcus Vitruvius Pollio (1st century B.C.), Roman architect and engineer, very likely dedicated his work to the first Augustus (b. 63 B.C.–d. 14 A.D.), used a Latin translation of the Greek term analogy, namely, proportion; Lucius Annaeus Seneca, called Seneca, the philosopher (b. 4 B.C.–d. 65 A.D.), did not address analogy under a grammatical point of view; however, he made interesting comments using it in philosophy; Marcus Fabius Quintilian (b. 35 A.D.–d. 95 A.D.), Roman rhetorician, though not a grammarian, wrote about the grammarian's craft, and as for his position with respect to the analogist and anomalist controversy, he tended to side with the former, but not so rigorously (Support: Capes – PNPd scholarship holder).

Keywords: analogy; synonymy; lexicon; meaning; Quintilian.

Resumo: Este artigo visa a apresentar brevemente o uso que três autores que viveram durante a segunda fase do Período Romano fizeram do termo analogia em suas respectivas áreas: Marco Vitruvius Polião (séc. I a.C.), engenheiro e arquiteto romano que deve ter dedicado seu trabalho ao primeiro Augusto (63 a.C.–14 d.C.), usou uma tradução latina para o termo grego analogia, qual seja, proporção; Lúcio Aneu Sêneca, chamado de Sêneca, o Filósofo (4 a.C.–65 d.C.), não tendo abordado a analogia sob o ponto de vista gramatical, fez, contudo, comentários interessantes, utilizando-a na filosofia; Marco Fábio Quintiliano (35-95 d.C.), retórico latino que, conquanto não fosse gramático, escreveu sobre o ofício do gramático, e, na controvérsia entre analogistas e anomalistas, apesar de tender para os primeiros, não se posicionou de forma rigorosa (Apoio: Capes – Bolsista PNPd).

Palavras-chave: analogia; sinonímia; léxico; sentido; Quintiliano.

Introdução

Para os gregos, preocupados que estavam em explicar a origem da linguagem, era justificável a contenda entre analogistas, como o alexandrino Aristarco da Samotrácia (217-145 a.C.), e anomalistas, como o estoico Crates de Malos (séc. II a.C.), mas para os latinos, em especial para Varrão (séc. II a.C.), ante a necessidade histórica de sistematizar a língua latina, essa disputa era, por assim dizer, irrelevante.

De fato, nos dois artigos anteriores em que discorremos sobre a analogia, seja na obra de Varrão,¹ autor da primeira gramática da língua latina, seja em Cícero (106-43 a.C.), Suetônio (75-160 d.C.) e Aulo Gélio (nascido em 130 d.C.) –,² os quais, embora não tenham trabalhado diretamente com gramática, utilizaram-se da analogia e ajudaram em sua propagação nos estudos da linguagem –, verificamos que a contenda grega era mencionada, mas não tratada como tal pelos autores estudados; assim, buscamos

¹ Cf. Carvalho (2013).

² Cf. Carvalho (2014).

agora discutir o termo focando outros autores latinos de áreas diversas, dando continuidade à divulgação de um trabalho maior que fizemos sobre a analogia.

Percebemos que esses autores, ante a necessidade de traduzir o termo para o latim, valeram-se de algumas expressões, como “semelhança”, “razão”, “proporção”, “comparação”, e a sempre presente, embora não citada textualmente, ideia de “*regularidade* das formas gramaticais”, que caracteriza os excertos de Varrão. Tal dificuldade se verifica também nos excertos que veremos a seguir, o que nos levou a explorar o problema dando ênfase à questão da sinonímia.

Esse percurso é importante, porque a motivação que levou à realização da pesquisa foi, sobretudo, a diversidade de definições que encontramos para o termo *analogia*.

Marco Vitrúvio Polião

Vitrúvio (séc. I a.C.), engenheiro e arquiteto romano que deve ter dedicado seu trabalho ao primeiro Augusto (63 a.C. – 14 d.C.), usou uma tradução latina para o termo grego; observe-se esta passagem de seu tratado, concebido após 27 a.C., *Sobre a Arquitetura* (III, 1, 1):

1. 1 A composição dos templos se firma a partir da simetria, cujo cálculo os arquitetos devem observar com muita diligência. Por outro lado, esse nasce da proporção, que, em língua grega, se diz ἀναλογία. A proporção é a conveniência do cálculo das partes dos compartimentos em toda obra e na totalidade, de onde se obtém o cálculo das simetrias. O fato é que nenhum templo pode ter método organizacional sem simetria e proporção, sem que tenha a exata razão como dos membros de um homem bem configurado.³

Nessa passagem, Vitrúvio, profissional de uma área que lida constantemente com cálculos, apresenta um texto cujo teor é voltado à ciência dos números, haja vista suas palavras nucleares, *symmetria* “simetria”, *rationem* “cálculo”, *proportione* “proporção”; por sinal, “simetria”, palavra de origem grega formada por σύν + μέτρον + ία, literalmente, “com medida”, é outra que aparece como sinônima de “analogia”, porém, devido a seu núcleo significativo, μέτρον “medida”, está mais próxima de “proporção” do que dela.⁴

Essa questão da sinonímia enseja uma interpolação para comentar brevemente um trecho da obra *Simetria*, de Geraldo M. Rohde, o qual reclama, por exemplo, da indistinção que existe hoje em dia entre “simetria” e “proporção”, com predomínio dessa última; em alguns aspectos, seu questionamento lembra nossas observações a respeito da *analogia*. Vejamos o seguinte extrato:

³ No original: 1. 1 Aedium compositio constat ex symmetria, cuius rationem diligentissime architecti tenere debent. Ea autem paritur a proportione, quae graece ἀναλογία dicitur. Proportio est ratae partis membrorum in omni opere totoque commodulatio, ex qua ratio efficitur symmetriarum. Namque non potest aedis ulla sine symmetria atque proportione rationem habere compositionis, nisi uti [ad] hominis bene figurati membrorum habuerit exactam rationem (GROS, 1990, p. 5-6).

⁴ Observe-se o verbete PROPORÇÃO – s. f. 1. conformidade: afinidade, analogia, aproximação, equivalência, identidade, parença, (cor)relação, semelhança, similaridade [...]. 5. simetria: concordância, concorde, harmonia [...] (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2003, p. 542).

A palavra simetria deriva do grego *συμμετρία* [*sin* (com) e *métron* (medida)]. Essa palavra muitas vezes foi traduzida como “comensurável” ou como “proporção”, embora não haja uma correspondência de significado entre elas. Uma diagonal de um quadrado, por exemplo, é simétrica e não é comensurável. Um prédio ou uma pintura podem ter proporções ideais e não ser, igualmente, simétricos. [...]

A simetria pode manter a forma, pode manter as distâncias, ou ambas. Uma forma com simetria possui, em decorrência, uma relação das partes do todo entre si e com o próprio todo, tem harmonia de posição, possui pontos similares e equivalentes, há regularidade no espaço [...] (ROHDE, 1982, p. 13).

O propósito de Rohde está claramente colocado, e é nessa linha que se desenvolve a obra. Quanto à relação com *analogia*, dá-se um tanto indiretamente; de fato, essa citação contém, além das palavras destacadas, outras (ou congêneres) que, amiúde, traduzem-na: “harmonia”, “similares”, “equivalentes” e “regularidade”. Em suma, os significados são próximos, mas todas expressam algo que, em determinada circunstância, escapa à significação de uma ou de outra, o que impede as permutas definitivas.⁵

Em outro momento, ao discorrer sobre a história da “simetria” (ROHDE, 1982, p. 43-50), novamente o autor faz considerações que permitem aproximar os termos. Segundo atesta, o livro chinês *I Ching* – espécie de oráculo particular que visava a dar conhecimento futuro e passado às pessoas através de seus 64 hexagramas –, escrito na dinastia Chu (1122-256 a.C.) pelo rei Wen, foi talvez o primeiro estudo de “simetria” realizado e registrado historicamente.

No tocante ao universo grego, Rohde (1982) cita, por exemplo, o escultor Fídias (500-431 a.C.) e o historiador Heródoto (480-425 a.C.), ambos com noções próprias acerca do termo; de qualquer maneira, está claro que, como no caso da “analogia”, também os estudos de “simetria” são anteriores aos de “proporção”.

Passando por Vitruvius, Rohde cita autores, do apogeu romano a meados do século XX, que discutiram a “simetria” independentemente das traduções que recebeu, provando que não é uma simples tradução equivocada que tem a força de diminuir a verdadeira significação de um termo – e isso vale, igualmente, para a analogia.

O motivo de insistirmos nessa aproximação é que nossa pesquisa teve como motivação central esta passagem, extraída do verbete *analogia* de Greimas e Courtés: “Como o termo analogia se generalizou e perdeu seu sentido preciso, foi necessário substituí-lo por homologia, já que homologia serve para designar a atividade analógica [...] (1979, p. 20)”. Se pensarmos nas palavras de Rohde acerca do problema em torno das traduções propostas para simetria e no que afirmam Greimas e Courtés sobre a analogia, veremos que em ambos os casos está em jogo certa dificuldade de se precisar o sentido de termos técnicos muito antigos que, hoje, por motivos diversos – e até parecidos –, se afigurariam obscuros.

Naturalmente, a maior parte das reflexões feitas por Rohde não caberia aqui, mas acreditamos que a associação foi suficiente para o nosso caso; assim, direcionando a questão para o que afirmam Greimas e Courtés, entendemos que a substituição proposta

⁵ “[...] Mas o que é sinonímia? Essa pergunta vem intrigando os estudiosos há séculos; há uma resposta apenas aparentemente simples, segundo a qual a sinonímia é identidade de significação. Essa resposta precisou conviver sempre com um grande número de ressalvas [...]” (ILARI; GERALDI, 1995, p. 43).

é bastante discutível, senão improdutiva, na maior parte dos casos. Salvo se os autores se restringem a considerá-la apenas no âmbito da semiótica – o que pretendemos ponderar em outra ocasião.

Voltando ao excerto, comentar Vitrúvio deveu-se ao intuito de mostrarmos uma ocorrência da analogia em uma importante área do conhecimento que ainda não tinha sido abordada, além de chamarmos a atenção para o fato de que proporção tem um sentido mais voltado para os números do que, propriamente, para a linguagem; de fato, sua definição e história confirmam isso.

Passemos agora ao próximo autor que destacamos, Sêneca.

Lúcio Aneu Sêneca

Chamado de Sêneca, o Filósofo (4 a.C. – 65 d.C.), era filho de Aneu (55-39 d.C.), conhecido como Sêneca, o Pai. Discorreu acerca de uma moral pautada na doutrina estoica. Não tendo abordado a analogia sob o ponto de vista gramatical, fez, contudo, comentários interessantes, utilizando-a na Filosofia; a passagem a seguir é de *Cartas a Lucílio* (V, XIX-XX, 120, 4-5):

4. Aqui, a natureza não pôde nos ensinar: ela nos deu as sementes da ciência, não deu a ciência. Alguns nos dizem ter acontecido uma noção “primeira”, o que é incrível; ter ocorrido a alguém, por acaso, a ideia da virtude: parece-nos ter concluído da observação e, muitas vezes, da comparação das coisas e dos fatos entre si. Por uma analogia de nosso intelecto avaliam não só o honesto como também o bom. Já que os gramáticos latinos presentearam essa palavra com o direito de cidadania, não julgo que eu deva condená-la nem que ela deva ser obrigada a voltar para seu próprio clã. Usá-la-ei, pois, não só como um termo já incorporado, mas também em uso. 5. Direi qual seja essa analogia. Havíamos conhecido a saúde do corpo; desta, pensamos também ser do espírito. Tínhamos conhecimento das forças do corpo; destas, concluímos haver também a força do espírito [...].⁶

Trata-se de um texto de caráter especulativo cujo início, ligado a uma passagem suprimida por não ser indispensável ao entendimento da analogia, se mostra um tanto quanto obscuro, porém, a parte substancial ao trabalho está relativamente clara, sobretudo porque a pesquisa se destina a discutir fatos linguísticos; ficando a questão filosófica em segundo plano.

Esse início, fortemente marcado por palavras voltadas para o campo semântico do pensamento, como *notitiam* “noção”, *speciem* “ideia”, *collegisse* “ter concluído”, *conlatio* “comparação” – de *collegisse et rerum saepe factarum inter se conlatio* “e, muitas vezes, ter concluído da ‘comparação das coisas e dos fatos entre si’”, o trecho em destaque não deixa de ser uma definição de analogia –, segue no intuito de apresentar a analogia como

⁶ No original: 4. Hoc nos natura docere non potuit: semina nobis scientiae dedit, scientiam non dedit. Quidam aiunt nos in notitiam incidisse “primam”, quod est incredibile, uirtutis alicui speciem casu occurrisset: nobis uidetur obseruatio collegisse et rerum saepe factarum inter se conlatio. Per analogiam nostri intellectum et honestum et bonum iudicant. Hoc uerbum cum Latini grammatici ciuitate donauerint, ego damnandum non puto, in ciuitatem suam redigendum. Vtar ergo illo non tantum tamquam recepto, sed tamquam usitato. 5. Quae sit haec analogia, dicam. Noueramus corporis sanitatem: ex hac cogitauimus esse aliquam et animi. Noueramus uires corporis: ex his collegimus esse et animi robur (NOBLOT; PRÉCHAC, 1971, p. 66).

um instrumento utilizado para agrupar elementos segundo suas características próximas; de fato, é essa a ideia que Sêneca sugere ter do termo quando diz que, conhecendo-se a saúde e as forças do corpo, conclui-se a saúde e as forças do espírito.

Isso tudo pouco acrescenta ao que comentamos até agora, no entanto, uma das colocações feitas no excerto pelo autor ratifica a postura adotada neste trabalho de não traduzir a palavra analogia – é evidente que, tal como Sêneca, que a utilizou na forma latinizada, o uso feito aqui foi na forma aportuguesada. Com efeito, se todas as tentativas de demonstrar as inconveniências das possíveis traduções não foram convincentes, o argumento *Hoc uerbum cum Latini grammatici ciuitate donauerint, ego damnandum non puto, in ciuitatem suam redigendum. Vtar ergo illo non tantum tamquam recepto, sed tamquam usitato* “Já que os gramáticos latinos presentearam essa palavra com o direito de cidadania, não julgo que eu deva condená-la nem que ela deva ser obrigada a voltar para seu próprio clã. Usá-la-ei, pois, não só como um termo já incorporado, mas também em uso” deve ser suficiente para justificar esse posicionamento, visto que, da mesma maneira que era corrente em latim, a palavra analogia é corrente em língua portuguesa, tanto em gramática quanto em outras áreas do conhecimento.

Para concluir o assunto suscitado pelo texto de optar ou não pela tradução do vocábulo analogia, convém esta digressão, baseada em Ernout e Meillet (1951, p. 1081 e 1105-1106), relativa a “semelhante”:

- (01) *sem-* “sem-”: raiz que marca a unidade, que não é mais atestada como primeiro elemento do composto, por exemplo, em *simplex* “simples”, *simplus* “unidade”, ou com as partículas (*semper* “sempre”) ou os sufixos de derivação (*semel* “uma vez, uma só vez”, *similis* “semelhante, parecido”, *sincērus*, “puro”, *singulī*, “um, um só” etc.) [...].⁷
- (02) *similis, -e*. “semelhante”[...] A raiz de **sem-* “un” tem servido desde o indo-europeu para exprimir a identidade: [...], gr. ὁμός “semelhante”, [...]. Os derivados indicam a “semelhança”: gr. ὁμοίος, ὅμοιος, “semelhante”, “da mesma natureza”; com *avec* *-lo- * “o”, ὁμαλός, significa “igual, unido”. [...].⁸

Pelo quadro apresentado, nota-se que ὁμός, *similis* e “semelhante” têm origem na raiz indo-europeia **sem-* e significam a mesma coisa em grego, em latim e em português; em outras palavras, as distâncias formais entre elas são devidas aos metaplasmos.

De volta a Sêneca, quanto à afirmação de que vai usá-la *illo non tantum tamquam recepto, sed tamquam usitato* “não só como um termo já incorporado, mas também em uso”, embora não haja elementos no texto que confirmem plenamente essa ideia, diz respeito ao sentido, diferente do de “regularidade”, que ele tem da analogia.

Conforme comentamos, o autor dá ao termo tratamento diverso daquele dado pelos gramáticos – mais preocupados em dedicarem-se ao trabalho epistemológico de sistematizar a língua latina; nessa linha textual, enquadra-se o próximo autor com o qual trabalhamos neste artigo.

⁷ No original: *sem-*: racine marquant l’unité, qui n’est plus attestée que comme premier élément de composé, par ex. dans *simplex*, *simplus*, ou avec des particules (*semper*) ou des suffixes de dérivation (*semel*, *similis*, *sincērus* *singulī* etc.) [...]. (ERNOUT; MEILLET, 1951, p. 1081).

⁸ No original: *similis, -e*: semblable [...]. La racine de **sem-* “un” a servi dès l’indo-européen à exprimer l’identité: [...], gr. ὁμός, [...]. Des dérivés indiquent la “ressemblance”: gr. ὁμοίος, ὅμοιος; avec *-lo-, ὁμαλός signifie “égal, uni” [...]. (ERNOUT; MEILLET, 1951, p. 1105-1106).

Marco Fábio Quintiliano

Quintiliano (35-95 d.C.), retórico latino que, apesar de não ser gramático, escreveu sobre *officio grammatici* “o ofício do gramático”. Na controvérsia entre analogistas e anomalistas, conquanto tendesse para os primeiros, não se posicionou de forma rigorosa; vejamos alguns trechos de sua obra:

Quintiliano, *Instituição Oratória* (I, 5, 13):

13. Mas na prosa também já existe uma certa mudança retomada; por exemplo, Cícero diz: *Canopitarum exercitum* “o exército dos canôpitas”; os próprios chamam *Canobon* “cano-bo”, e muitos autores reivindicam *Trasumennum* “de Trasumeno” em vez de *Tarsumenno* “de Tarsumeno”, ainda que haja nisso uma transposição. Outra coisa, paralelamente: em verdade, se é *adsentior* “dou assentimento, aprovo”, disse Sisena *adsentio* “dou assentimento, aprovo” e muitos seguiram não apenas a este como também à analogia; se aquilo é verdadeiro, esta parte, igualmente, é defendida em consenso.⁹

São três os exemplos elencados por Quintiliano, nos três, verifica-se alguma modificação envolvendo um fonema. No primeiro deles, em que cita Cícero, ocorreu que este fez a flexão do “caso” genitivo em questão tendo como parâmetro o nominativo *Cănōpītē* “canôpitas,¹⁰ habitantes de Canopo”, e não o nominativo *Cănōbūs* “Canobo”, forma original vinda do grego Κάνωβος; evidentemente, a alegação recai sobre o uso de *Cănōpītē*, com a oclusiva bilabial surda /p/, em detrimento de *Cănōbūs*, com a homorgânica (de /p/) oclusiva bilabial sonora /b/. Podemos falar em analogia por parte de Cícero, pois, partindo daquele nominativo, não poderia chegar num genitivo *Canobitarum*.

No segundo exemplo, não está claro o aspecto utilizado para a analogia. É possível que tenha sido *Etrūrīā* “Etrúria”, visto que *Tārsīmēnnūs* ou *Tārsūmēnnūs* é o nome de um lago etrusco. Assim, o adjetivo *Trāsūmēnnūm* estaria mais próximo do substantivo *Etrūrīā*, pelo travamento provocado pela junção dos fonemas /t/ e /r/; note-se que houve uma permuta do fonema /i/ pelo fonema /u/ em *Tārsīmēnnūs/Tārsūmēnnūs*, permuta não assinalada pelo autor, que reforçaria a analogia com *Etrūrīā*. No entanto, ante a falta de dados que comprovem esses argumentos, convém não falarmos em prol da analogia. Quanto à *transmutatio* “transposição” /tar – tra/, pertence ao tipo que, no estudo dos metaplasmos, é chamado de metátese ou hipétese.

No último exemplo, a analogia é evidente: *adsentior* “dou assentimento, aprovo”, verbo “depoente”, foi usado por Sisena – Lúcio Cornélio Sisena, literato, tradutor e historiador, foi pretor em 78 a.C. – na voz ativa, isto é, sem o /r/ (*adsentio*), marca que, nos verbos da 4ª conjugação, diferencia a primeira pessoa singular do presente do indicativo das vozes média e passiva da ativa. Em outros termos, o autor aplicou ao verbo em questão o paradigma da voz ativa desconsiderando seu sentido médio; por ser uma pessoa

⁹ No original: 13. Sed in prorsa quoque est quaedam iam recepta inmutatio; nam Cicero “Canopitarum exercitum” dicit, ipsi Canobon uocant, et “Trasumennum” pro “Tarsumenno” multi auctores, etiamsi est in eo transmutatio, uindicauerunt. Similiter alia: nam siue est “adsentior”, Sisenna dixit “adsentio” multique et hunc et analogian secuti, siue illud uerum est, haec quoque pars consensu defenditur (COUSIN, 1975, p. 90).

¹⁰ Para assinalarmos a quantidade das sílabas, consultamos Saraiva (2006).

importante, sua prática foi seguida por outras, e as duas formas são aceites nos dicionários e gramáticas.

Concluindo a análise do extrato, os exemplos listados discorrem acerca da analogia na “morfologia”, mais especificamente, na “ortografia”, em pontos relativos aos metaplasmos e às “vozes verbais”; vejamos o próximo.

Quintiliano, *Instituição Oratória* (I, 6, 1-2):

1. E agora há a observação própria do falar e própria do escrever. A linguagem se estabelece pela razão, antiguidade, autoridade, e pelo costume. A razão se funda sobretudo pela analogia; às vezes, pela etimologia. A antiguidade recomenda uma certa majestade e, para que assim eu tenha dito, uma certa religiosidade.¹¹

A tendência, verificada em Varrão, de não polemizar exageradamente acerca da analogia e da anomalia é ainda mais evidente nessa passagem de Quintiliano; o que reforça a proposição de que o essencial era o estabelecimento de critérios gramaticais que ajudassem na sistematização do idioma latino.

Sutilmente, dois pontos básicos estão colocados no excerto. Em primeiro lugar, podemos dizer que, embora de maneira indireta, analogia e anomalia figuram no mesmo plano, pois se esta se associa indelevelmente ao “costume”, aquela, ao lado da *etymologia* “etimologia”, conforme assegura o autor, fundamenta a “razão”. Em segundo, dos quatro critérios apontados como pilares da *Sermo* “linguagem”, três são tão próximos entre si, *uetustate* “(pela)antiguidade”, *auctoritate* “(pela)autoridade” e *consuetudine* “(pelo) costume”, que poderiam, *grosso modo*, ser reunidos numa única palavra, qual seja, “tradição”. De fato, tudo leva a crer que é para dar maior legitimidade aos preceitos tidos como justos que a *Vetera* “antiguidade”, ou seja, “os autores antigos”, representantes da “tradição”, são envoltos em certa áurea de *religio* “religiosidade”. Quanto à aproximação feita entre analogia e “etimologia”, convém, antes de qualquer comentário, termos em mente o significado desta.

Por ἐτυμολογία, formada a partir de ἔτυμος “verdadeiro” + λόγος “conceito” + ία, entendemos “a busca do conceito verdadeiro, real, primitivo das palavras”. Trata-se de definição bastante singela para um termo tão importante na história da linguagem, porém, suficiente para a ocasião.

A analogia, historicamente associada à concepção de linguagem tida como criação divina, traz junto a si indelével sentido de “positividade”. Dada a definição de “etimologia” que propusemos, não é difícil perceber um forte elo entre elas (analogia e “etimologia”), na medida em que “verdade” e “positividade” são bastante voltadas para a ideia do “bem”.

Passemos agora ao último fragmento de Quintiliano que separamos.

¹¹ No original: 1. Est etiam sua loquentibus obseruatio, sua scribentibus. Sermo constat ratione, uetustate, auctoritate, consuetudine. Rationem praestat praecipue analogia, nonnumquam et etymologia. Vetera maiestas quaedam et, ut sic dixerim, religio commendat (COUSIN, 1975, p. 105).

Quintiliano, *Instituição Oratória* (I, 6, 3-6):

3. O costume, verdadeiramente, é o mais certo mestre do falar, e é o que deve ser usado inteiramente na conversação, como moeda, para quem a forma é pública. Todavia, todas essas coisas exigem um julgamento agudo, sobretudo a analogia, que, proximamente do grego, os que traduziram para o latim chamaram proporção. 4. A força dela é que o duvidoso está para algo semelhante, do que não se questiona, isto é, que refira e prove as coisas incertas pelas certas. Isso se executa por uma dupla via: pela comparação das semelhanças principalmente nas últimas sílabas, por causa disso, as que são de uma única [sílab] não devem ser cálculo de abatimento. 5. A comparação pelos nomes depreende ou o gênero ou a declinação: gênero, quando se procura se *funis* “corda” é masculino ou feminino, pergunta-se se *panis* “pão” é semelhante àquele; declinação, quando se está indeciso se o certo é dizer *hac domu* ou acaso *hac domo* “por esta casa”, e *domuum* ou acaso *domorum* “das casas”; sejam as semelhanças [*domus*] “casa” *anus* “ânus” e *manus* “mão”. 6. O diminutivo desvenda o gênero pelo modo e, para que não me afaste do mesmo exemplo, *funiculus* “pequena corda” demonstra ser *funem* “corda” masculino.¹²

Imediato ao excerto anterior, este destaca o termo analogia, não apenas trazendo a opinião do autor quanto a sua tradução mais corrente, como descrições relativas a ela, além de resultados obtidos após sua utilização; em suma, trata-se de excerto bastante didático.

Sendo comum a afirmação de que, para Quintiliano, analogia é “proporção”, a frase *analogia praecipue, quam proxime ex Graeco transferentes in Latinum proportionem uocauerunt* “sobretudo a analogia, que, proximamente do grego, os que traduziram para o latim chamaram ‘proporção’”, deixa transparecer que o autor atenta para o fato de que ambas não significam exatamente a mesma coisa.

Quanto às descrições mencionadas, são de duas naturezas. A primeira diz respeito ao que a analogia é, ou seja, um recurso linguístico usado para relacionar palavras desconhecidas às conhecidas; a segunda explica como se emprega esse recurso, que é por meio da *comparatione similibum in extremis maxime syllabis* “comparação das semelhanças principalmente nas últimas sílabas” das palavras. Certamente, a *duplici via* “dupla via” apontada pelo autor se refere ao movimento de ida e volta que, no processo analógico, a mente percorre para executar a “relação entre os dois elementos”. Pensando no conceito “relação entre dois elementos a partir de um ponto, que implica um terceiro elemento”, nota-se que abrange ambas as descrições.¹³

¹² No original: 3. Consuetudo uero certissima loquendi magistra, utendumque plane sermone, ut nummo, cui publica forma est. Omnia tamen haec exigunt acre iudicium, analogia praecipue, quam proxime ex Graeco transferentes in Latinum proportionem uocauerunt. 4. Omnia tamen haec exigunt acre iudicium, analogia praecipue, quam proxime ex Graeco transferentes in Latinum proportionem uocauerunt. Eius haec uis est, ut id, quod dubium est, ad aliquid simile, de quo non quaeritur, referat, et incerta certis probet. Quod efficitur duplici uia: comparatione similibum in extremis maxime syllabis, propter quod ea, quae sunt e singulis, negantur debere rationem, et deminutione. 5. Comparatio in nominibus aut genus deprendit aut declinationem: genus, ut, si quaeratur “funis” masculinum sit an feminum, simile illi sit “panis”; declinationem, ut, si ueniat in dubium “hac domu” dicendum sit an “hac domo”, et “domuum” an “domorum”, similia sint [*domus*] “anus”, “manus”. 6. Deminutio genus modo detegit, ut, ne ab eodem exemplo recedam, “funem” masculinum esse “funiculus” ostendit (COUSIN, 1975, p. 106).

¹³ Aqui, aludimos ao conceito que propusemos (Cf. CARVALHO, 2014, p. 1335).

Quanto à aplicação do termo, observa-se que a tendência de Quintiliano também aponta para a busca de uma sistematização das formas linguísticas; nesse sentido, elenca fatos relativos às categorias gramaticais de “gênero”, “declinação” e “derivação”, passando pelas de “número” e “caso”. Devido à clareza dos exemplos e para que sejam evitadas repetições, não nos demoramos neles; todavia, convém observarmos que, quando o autor questiona sobre o paradigma de desinências dos “casos” a ser seguido quanto ao vocábulo *domus* “casa”, dois pontos devem ser assinalados: em primeiro lugar, sua intenção no sentido de mostrar que, apesar da semelhança entre essa palavra e as da “segunda declinação” (mais numerosas) – por exemplo, *dominus* “dono de casa”, “senhor”, “proprietário” –, deve-se seguir o paradigma dos nomes da “quarta declinação”, como *anus* “ânus” e *manus* “mão” – curiosamente, as quatro possibilidades listadas pelo autor são aceites pelas gramáticas; em segundo lugar, o fato de que é bastante comum encontrar a afirmação de que a analogia influenciou nos “casos” dos nomes da quarta “declinação”, que utilizaram formas dos “casos” das segunda e terceira, e nos da quinta “declinação”, que utilizaram formas da primeira e da terceira.¹⁴ Outro breve fato a ser mencionado é que, com relação a *funiculus* “pequena corda”, dá-se uma ocorrência de analogia em uma categoria gramatical até o momento não abordada, qual seja, a da “derivação”.

Considerações finais

A produtividade do tema no período inicial do latim pôde ser comprovada novamente, seja em aspectos atinentes aos estudos gramaticais seja em aspectos direcionados a áreas diversas.

Vimos que Vitrúvio e Sêneca trazem a analogia aplicada na arquitetura e na filosofia, respectivamente, sem qualquer prejuízo de compreensão: aquele a traduz por proporção; já este opta por conservá-la como se apresenta, apenas adaptando a grafia a seu idioma, vendo nela um sentido de comparação. Quanto a Quintiliano, em seu tratado de retórica, aborda o tema na linha dos gramáticos, ensejando-nos discutir pontos ainda não abordados nos artigos anteriores no tocante à analogia no campo gramatical.

Em caso algum, conforme constatamos, coube falar em substituição do termo *analogia* por *homologia* devido a alguma possível generalização que dificultasse a intelecção, até porque cada palavra sempre conserva sua significação própria e intransferível, e não seria uma com mais de dois mil anos de história, usada em várias ciências, destacada como uma das seis partes da primeira gramática do Ocidente – a de Dionísio Trácio –, além de corrente no nosso dia a dia, que sofreria desse mal.

Há, sim, permuta por determinado sinônimo em certas circunstâncias, mas não em todas; logo, o que afirmaram Greimas e Courtés (1979) exige considerações a partir de outras perspectivas, com o escopo de apreendermos com mais propriedade sua explanação, para aceitá-la com as devidas ressalvas ou refutá-la de vez. Contudo, até o momento, a exemplo do que propõe Sêneca relativamente aos latinos, defendemos a ideia de que a analogia deve ser usada “não só como um termo já incorporado, mas também em uso”.

¹⁴ Cf. Faria (1995, p. 107-114).

Por fim, comparativamente ao todo, pouco vimos, porém, julgamos ser o suficiente para auferirmos uma noção satisfatória da história do termo analogia no período em questão, passando por autores de diferentes áreas.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Antonio Carlos Silva de. “O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão”. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 1244-1253, set./-dez. 2013.
- _____. O conceito de analogia na obra de diferentes autores do Período Romano. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, p. 1332-1341, 2014.
- COUSIN, Jean. Quintilien – institution oratoire. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1975. (Collection des Universités de France).
- ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire etymologique de la langue latine* – histoire des mots. Troisième édition (revue, corrigée et augmentée d’un index). Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. 2. ed. rev. e aum. Brasília: FAE, 1995. 424 p.
- GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1979, 493 p.
- GROS, Pierre. *Vitruve* – de l’architecture. Livre III. Paris: Les Belles Lettres, 1990. 224 p. (Collection des Universités de France).
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. 953 p.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 7. ed. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1995. 96 p.
- NOBLOT, Henri; PRÉCHAC, François. *Sénèque* – lettres a Lucilius. Tome V, livres XIX-XX. 2^{ème} tirage. Paris: Les Belles Lettres, 1971. 115 p. (Collection des Universités de France).
- ROHDE, Geraldo Mário. *Simetria*. São Paulo: Hemus, 1982. 191 p.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino* – português “etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.”. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006. 1298 p.